

YUSTE NÃO É UM SÍTIO - É UM LUGAR

CRISTIANA M. OLIVEIRA

[...] Yuste ya no será un sitio. Un sitio es una posición geográfica definida, sin alma, sin valores añadidos por coordenadas, esta latitud y esta longitud, y hay muchos en el mundo, millones y millones como estrellas. A partir de ahora esperamos que para vosotros Yuste ya no sea un sitio, si non un lugar, y un lugar es un sitio que evoca, que trae recuerdos, que recordaremos en el futuro preferentemente espero que con alegría, con nostalgia incluso, con un sentimiento de placer, porque evocamos un espacio geográfico durante algún tiempo fue nuestro, fue nuestra casa y donde nos conocimos y fuímos felices. [...] recordad que Yuste es para siempre ya un lugar de vuestra memoria personal.

Enrique Moradiellos Garcia IN *Clausura del Curso*

i. Introdução

Voltar a Yuste é mais do que voltar a um sítio. É voltar a um lugar de memória pessoal, segundo as palavras finais de Enrique Moradiellos, e é voltar a um lugar simbólico de família e conhecimento. Este ano, no âmbito das comemorações dos cinquenta anos do 25 de Abril de 1974, voltar a Yuste foi também voltar a um lugar de memória coletiva, onde Portugal e Espanha dialogaram bastante, apesar da censura. *Portugal, 1974: sociedad, cultura y literatura en la revolución de los claveles* decorreu de 2 a 4 de julho de 2024, no Mosteiro de São Jerónimo de Yuste, e perpetuou o diálogo plural e transversal entre a Península Ibérica e a Ibero América, com interlocutores das áreas da literatura, tradução, história, imprensa, fotografia, etc. Com base na proposta inaugurativa de Antonio Sáez Delgado, renovemos os votos desta

revolução emocionante e poderosa e façamos dela um lugar de policromia, onde cantemos todos juntos a “Cor da Liberdade” de Jorge de Sena.

ii. São cravos, senhor, são cravos!

Os lugares existem por eles mesmos, mas influenciam os corpos que neles habitam. É como se configurassem uma quinta dimensão, somente experienciada por quem por eles passa. Aristóteles dizia: “O lugar não é simplesmente um algo, mas um algo que exerceu certa influência, isto é, que afecta o corpo que está nele.” (Mora, 1982, p.246). Existe uma espécie de magia do lugar que determina algo ou alguém. Embora não haja um sentido concreto de pertença, há algo quase metafísico que nos une aos lugares e que nos marca. Neste caso, o lugar de Yuste foi marcado pelas cores do jardim dos claustros e pelas várias tonalidades do vermelho dos cravos da Revolução. Logo na sessão inaugural foram entregues cravos a alguns oradores e só isso transportou-nos para o lugar da “Revolución de los Claveles”. A partir daí, abriu-se um espaço simbólico de análise do passado presente para construir o futuro, dotado de uma forte “capacidade de negociação” (Juan Fernández Trigo), a mesma do 25 de abril de 1974. A construção desse futuro requer também estruturas comparatistas e Encarna Lemus López prossegue com “Contextos internacionales y comparativos de los procesos de transición en Portugal y España”, pois o que se passa em Portugal não é dissociável do que se passa em Espanha (e vice-versa). O conjunto da Península é uma sociedade vizinha, com pontos estratégicos e circunstância valiosas, e para

manter uma relação saudável e justa são precisas ações contundentes e uma atitude de contenção (Henry Kissinger).

A questão da sociedade vizinha peninsular vai sendo ampliada e desconstruída com a abordagem de “La dimensión colonial y exterior de la revolución” de Fernando Martins. Tal como proferiu, a relação com os vizinhos africanos é uma “situação interessante, mas complicada”, porque é uma luta por uma Angola independente não só por negros, mas também por brancos. Isso gerou uma oposição da política colonial portuguesa, com vários tipos de oposição, e contradições internas que não facilitaram o tema da descolonização. A mesma só se efetivou com o derrube do fascismo português, atestando a relação direta entre fascismo e colonialismo.

Já Paula Borges Santos elucida-nos para “Os cinco factores determinantes da fisionomia da transição para a democracia em Portugal”, dando corpo a um património imaterial, cinquenta anos depois. Para isso, pontua duas espécies de premissas, a meu ver, fundamentais para o início do entendimento dessa transição - desmitificação de um período que aparece mitificado e genesis da democracia. De seguida, enumera e especifica os cinco fatores: sem negociação, tutela do poder militar; pluralismo político (PCP, PS); erupção das massas assembleias; violações de direitos e liberdades e opção pela constituição. Por consequência, há um legado democrático que ainda sobrevive: sistema de governo semi-presencial; civis e militares; consolidação do pluralismo partidário; sujeição a intervenção estrangeira; opção pela europeização;

profunda transformação económica; próprio embrião de estado providência e edificação de um estado de direito.

Sob uma lente mais literária, Carlos Reis afirma que “A literatura não vive só uma revolução. Vive mais do que uma.”. As revoluções na literatura podem ser múltiplas. O ritmo próprio de cada narrativa e/ou a ampliação do tempo do relato desaguam numa reflexão metalinguística que abre o espectro do entendimento. Neste caso, a Revolução propagou-se através das revoluções literárias que interpretaram poeticamente a Revolução. Um dos grandes e marcantes exemplos foi Sophia de Mello Breyner Andersen. Depois de 1974, *Finisterra* de Carlos de Oliveira, *O ano da morte de Ricardo Reis* de José Saramago e *A costa dos murmúrios* de Lídia Jorge. Estes foram alguns dos exemplos trazidos por “La literatura y sus revoluciones” de Carlos Reis.

Ainda na literatura, Ana Paula Arnaut esmiúça os contextos da Revolução com “Lides de la Revolución de Abril en la obra de António Lobo Antunes”. O hiperbolismo, a ferocidade e a “mordidua romanesca” da palavra de Lobo Antunes traça uma crítica feroz no domínio da literatura, a qual pode diluir-se ao ser colocada na boca das personagens e no burlesco. Nesse seguimento, algumas obras são referidas: *Fado Alexandrino*; *Explicação dos Pássaros*; *Auto dos Danados*; *O Manual dos Inquisidores*; *A Ordem Natural das coisas*; *Até que as pedras se tornem mais leve do que as águas*.

No que diz respeito à “La revolución en la prensa española”, os contributos de César Rina Simón e María Jesús Fernández relembram como a cultura periodística em Portugal e Espanha interessam na medida em que explicam coisas sobre ambos os

países. A inevitabilidade da fronteira gera uma relação de uma certa dependência e, naturalmente, de algum conhecimento. A Revolução ocupou quase um mês nos periódicos espanhóis, onde preponderou um discurso da liberdade e reflexões da componente fronteiriça. Antes, as notícias eram cerca de trinta por mês, mais institucionais, culturais e informativas.

As duas mesas redondas sobre “La revolución vista desde Europa” e “La revolución vista desde Latinoamérica” mostraram como a Revolução foi vivida e sentida. Giorgio de Marchis conta que existia um grande interesse dos comunistas italianos pela Revolução portuguesa e que grande parte da memória fotográfica da Revolução tem a ver com fotógrafos italianos. O fotógrafo argentino Daniel Mordzinski aprofunda questões da fotografia através do testemunho fotográfico de Alfredo Cunha e sublinha que “Não podemos conhecer a Europa sem conhecer a América Latina e vice-versa.”. O escritor David Toscana refere a “literatura como uma semente da revolução”.

É perante todas as “sensibilidades mútuas” e uma espécie de “atração fatal” que “Ecos de la Revolución de los Claveles en las literaturas del Estado español” de Saez Delgado se posiciona e nos posiciona dentro de uma relação tão estável e duradoura como a portuguesa com o castelhano e galego. Com a Revolução, a vivência entre contextos fronteiriços adensou-se com o “turismo revolucionário”, onde “passar a fronteira era conhecer o futuro, uma espécie de viagem”. O 25 de abril foi assim “o único dia da história em que os espanhóis quiseram ser portugueses”.

Os periodistas Teixeira Constenla Fontela e Ricardo Viel trouxeram “Nuevas perspectivas sobre la revolución”. Ambos escreveram um livro sobre isso e ambos varolizam a Praça do Comércio em Lisboa como uma “praça melancólica”. Ambas as interpretações de um pós-Revolução tendem para um lado mais literário, mais poético. O poeta Luis Garcia Montero realizou um exercício de memória poética, na qual apurou o sentido de pertença e pátria e assinalou os vínculos e as atrocidades que unem Portugal e Espanha. Tomemos como exemplo, um dos lados mais históricos do pós-Revolução que Mario Bederá Bravo descreve com pormenor - o assalto da embaixada de Espanha em 26 e 27 de setembro de 1975. Há também um lado mais ordinário e quotidiano dos espanhóis que Pilar del Río sabiamente nos traz, que é o da indiferença e do desconhecimento perante os portugueses, por isso sugere um “mirar con simpatía” entre *nosotros*.

iii. Para concluir

Ao longo de três dias, foram várias as tonalidades do vermelho cravo que pintaram o lugar de Yuste. Um lugar, onde a Revolução e a Liberdade ainda persistem através da Literatura e das Artes. Um lugar inesquecível para a memória pessoal de cada um dos presentes; e para a memória coletiva dos portugueses, dos espanhóis, isto é, da Península Ibérica que ainda se mantém luminosa, apesar das suas sombras.

Bibliografia

Mora, José F. (1982). *Dicionário de filosofia* (5ª ed.). Publicações Dom Quixote.